

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## A grande peregrinação de Outubro



O estado do tempo nos dias que precederam imediatamente os da peregrinação nacional de Outubro fazia prever uma grande redução no número habitual de romeiros e uma diminuição de esplendor nas solenidades oficiais.

Mas, ao contrário do que se previa, essa peregrinação foi muito concorrida e tôdas as cerimónias do costume tiveram extraordinário luzimento.

Dois factos caracterizaram este ano a homenagem de piedade filial dos fiéis para com a Santíssima Virgem no dia aniversário da sua sexta e última aparição aos pastorinhos na Cova da Iria: a presença de uma numerosa peregrinação espanhola vinda de Badajoz e presidida pelo Bispo diocesano Sua Ex.<sup>ta</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Dom José Maria Alcazar y Alenda e a cooperação da Ordem Terceira Carmelita de Portugal que levou ao local das aparições o rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Provincial Frei Roberto de Jesus com elevado contingente de Terceiros de várias terras. Eram 23 horas quando se iniciou a procissão das velas precedida da recitação do têrço. Raros eram os peregrinos que não empunhavam uma vela. O imponente cortejo que levou muito tempo a desfilar produzia um efeito maravilhoso. Logo que terminou o desfile, a multidão reuniu-se em frente da escadaria e cantou o *Credo* em cântico.

Destacavam-se na procissão nocturna os Terceiros Carmelitas que envergavam o hábito da sua Ordem e grande número de Religiosos e Religiosas de diversos Institutos.

O tempo, apesar de ameaçar chuva, não prejudicou o efeito de tão grandiosa manifestação de piedade. A meia-noite, começou a adoração de Jesus Sacramento exposto solenemente no trono do altar exterior da igreja em construção.

### ACÇÃO CATÓLICA Ver com reflexão

A despeito de tudo quanto se diz e se escreve em contrário, que seria do mundo, se inteiramente se apagasse o sol da caridade? A justiça é necessária, mas a justiça sem caridade, leva com frequência a injustiças clamorosas, aquelas injustiças simbolizadas num livro célebre de Bourget.

Ora muitos não exercem a caridade, porque nunca viram, com olhos de ver, a miséria atroz dos seus irmãos. Quando se ergue uma voz como a do Padre Américo, voz do coração que se faz luz, logo legiões de almas se comovem. Revela-se então um mundo desconhecido.

Muitos, absorvidos pelas suas próprias dores ou por variadas preocupações pessoais, que não serão as mais das vezes senão vaidade, orgulho e paixão feia, muitos olham mas não vêem.

Em livro justamente apreciado, o Padre Plus conta alguns casos impressionantes, iguais a tantos casos de que todos temos conhecimento.

Bairro excêntrico de uma grande cidade: Colegiais ricos, em passeio dominical, falam dos seus brinquedos, dos automóveis de seus pais, dos seus projectos de viagem. Passam perto de crianças descalças, cobertas de andrajos, roxas de frio. Têm bom coração aquêles estudantes, mas não reparam nos infelizes que para eles olham maravilhados.

Praia linda, frequentada por gente elegante e rica. Grupos de jovens de ambos os sexos, que se dirigem para um campo de jogos.

Divertem-se, despreocupados e felizes. Perto, enxame de pescadores, que se levantam às 3 da madrugada, à procura de vermes que servem de isca para a pesca.

Não é por mal que estes jovens se desinteressam desta pobreza, muitas vezes miséria, que totalmente desconhecem.

Triste rapariga pobre, que trabalha dia e noite, para não morrerem de fome ela e sua velha mãe. Às vezes, altas horas, vai cair em sono profundo; mas há um trabalho urgente para acabar, trabalho que significa o pão da boca. Martiriza corajosamente os olhos, para que eles se não fechem.

Cenas de trabalho austero e heróico, quem as aprecia devidamente?

Dores amargas de mil pessoas que passam por felizes; prolongadas agonias, que fazem da vida calvário tormentoso. Se nós as conhecêssemos...

Cortejo de almas sombrias, rasgadas de surdas invejas e de revoltas loucas, porque não conhecem a Deus nem a sua Igreja: Quem lhes diz uma palavra de sabor divino?

Víssemos nós profundamente, reflectidamente, o panorama desolado do sofrimento humano, e não deixaríamos de fazer um sacrifício para que sofressem menos as almas dos nossos irmãos.

† Manuel, Bispo de Helenópolis

Destacavam-se na procissão nocturna os Terceiros Carmelitas que envergavam o hábito da sua Ordem e grande número de Religiosos e Religiosas de diversos Institutos.

O tempo, apesar de ameaçar chuva, não prejudicou o efeito de tão grandiosa manifestação de piedade. A meia-noite, começou a adoração de Jesus Sacramento exposto solenemente no trono do altar exterior da igreja em construção.

O tempo, apesar de ameaçar chuva, não prejudicou o efeito de tão grandiosa manifestação de piedade. A meia-noite, começou a adoração de Jesus Sacramento exposto solenemente no trono do altar exterior da igreja em construção.

rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> António da Silva Bonifácio, párcce do Olival (Leiria).

Às 10 horas, o rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Provincial da Ordem Carmelita rezou, na igreja em construção a Missa privativa dos Terceiros Carmelitas.

Ao meio-dia oficial, o rev.<sup>mo</sup> Cônego Dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria, presidiu, junto do microfone, à recitação em comum do têrço do Rosário. Efectuou-se em seguida a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na capela das aparições. O magnífico cortejo percorreu as avenidas do recinto sagrado e a estátua da Virgem passou entre alas compactas de fiéis que a saudaram e aclamaram, acenando com os lenços. Espectáculo sobremodo encantador e comovente! Os venerandos Prelados de Leiria e de Badajoz tomados em carrinhos de mão, mas a maior parte d'êles estão sentados em numerosas bancadas cobertas de tóldo.

São ao todo 270, dos quais 50 haviam sido recolhidos a noite anterior no Albergue dos doentes, no Santuário.

A Missa é acompanhada a harmonio e cânticos. Ao Evangelho o rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Castelo Branco prega de novo, fazendo o elogio da Ordem Carmelita, convidando as raparigas de Portugal a imitar as virtudes da Santíssima Virgem e exortando todos os portugueses a cumprir integralmente a sua mensagem de oração e penitência.

Terminado o augusto Sacrifício da Missa, entoa-se um cântico ao Santíssimo Sacramento, faz-se a consagração a N.<sup>o</sup> S.<sup>o</sup>, e o Senhor Bispo de Badajoz desce a escadaria com a custódia nas mãos para dar a bênção Eucarística aos doentes. Acompanha-o um grupo de sacerdotes revestidos de sobrepeliz e empunhando velas acesas. Leva a umbela um membro eminente do laicado católico da diocese de Badajoz, Dom Hipólito Gragera.

Era admirável a atitude dos doentes cuja piedade edificava todos os peregrinos e que mostravam a maior resignação e conformidade com a vontade de Deus no meio dos seus sofrimentos.

Cantado o *Tantum ergo*, realizou-se a procissão do *Adeus* em que a Imagem de Nossa Senhora da Fátima foi reconduzida no Seu lindo e rico andor, aos ombros de Terceiros Carmelitas e de peregrinos espanhóis, para a capela das aparições, tendo o entusiasmo da multidão atingido o auge durante o percurso.



FATIMA, 13 DE OUTUBRO — Sua Ex.<sup>ta</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Badajoz

Rezou-se de novo o têrço. O ram parte no cortejo marchando à frente do andor precedidos do clero das duas nações.

Tendo chegado junto da escadaria monumental o cortejo parou e a branca e bela Imagem da Virgem é retirada do andor e colocada sobre o altar. Em frente e dos dois lados da escadaria estacionam milhares de fiéis de ambos os sexos e de tôdas as classes e condições sociais. Os Prelados sobem os degraus da escadaria e vão postar-se junto do altar, do lado do Evangelho. Em lugar reservado está Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior. Pouco depois das 13 horas, principia a Missa dos doentes. Estes ocupam um vasto recinto fechado na esplanada. Todos inscreveram os seus nomes nos registos do Posto das verificações médicas. Vêm-se uns deitados em leitos, outros es-

Rezou-se de novo o têrço. O ram parte no cortejo marchando à frente do andor precedidos do clero das duas nações. Tendo chegado junto da escadaria monumental o cortejo parou e a branca e bela Imagem da Virgem é retirada do andor e colocada sobre o altar. Em frente e dos dois lados da escadaria estacionam milhares de fiéis de ambos os sexos e de tôdas as classes e condições sociais. Os Prelados sobem os degraus da escadaria e vão postar-se junto do altar, do lado do Evangelho. Em lugar reservado está Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior. Pouco depois das 13 horas, principia a Missa dos doentes. Estes ocupam um vasto recinto fechado na esplanada. Todos inscreveram os seus nomes nos registos do Posto das verificações médicas. Vêm-se uns deitados em leitos, outros es-

Rezou-se de novo o têrço. O ram parte no cortejo marchando à frente do andor precedidos do clero das duas nações. Tendo chegado junto da escadaria monumental o cortejo parou e a branca e bela Imagem da Virgem é retirada do andor e colocada sobre o altar. Em frente e dos dois lados da escadaria estacionam milhares de fiéis de ambos os sexos e de tôdas as classes e condições sociais. Os Prelados sobem os degraus da escadaria e vão postar-se junto do altar, do lado do Evangelho. Em lugar reservado está Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior. Pouco depois das 13 horas, principia a Missa dos doentes. Estes ocupam um vasto recinto fechado na esplanada. Todos inscreveram os seus nomes nos registos do Posto das verificações médicas. Vêm-se uns deitados em leitos, outros es-

Rezou-se de novo o têrço. O ram parte no cortejo marchando à frente do andor precedidos do clero das duas nações. Tendo chegado junto da escadaria monumental o cortejo parou e a branca e bela Imagem da Virgem é retirada do andor e colocada sobre o altar. Em frente e dos dois lados da escadaria estacionam milhares de fiéis de ambos os sexos e de tôdas as classes e condições sociais. Os Prelados sobem os degraus da escadaria e vão postar-se junto do altar, do lado do Evangelho. Em lugar reservado está Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior. Pouco depois das 13 horas, principia a Missa dos doentes. Estes ocupam um vasto recinto fechado na esplanada. Todos inscreveram os seus nomes nos registos do Posto das verificações médicas. Vêm-se uns deitados em leitos, outros es-

VISCONDE DO MONTELO

### NOTAS

— Foi pena vir tão tarde a licença de circulação para os automóveis particulares nos dias 12 e 13. Atrévemo-nos a pedir muito respeitosamente um adiantamento de mais uns três dias para cada qual preparar convenientemente as suas coisas.

— Entre os peregrinos havia um outro grupo de peregrinos espanhóis de Santander.

— Vieram também em peregrinação confundidos com a multidão; Sua Excelência o Senhor Ministro da Guerra, o Snr. Sub-Secretário das Obras Públicas e o Snr. General Comandante da 3.<sup>a</sup> Região Militar.

# PELAS ALMAS A PAZ VERBO HUMANO DO PURGATÓRIO seja convosco...

Que pena imensa me faz encontrar ao longo da estrada velhinhos e abandonados os cruzeiros e os pequenos monumentos de piedade dos nossos maiores que o povo deliciosamente crismou com o nome de «almi-nhas».

Outros séculos de mais fé, de vida cristã pujante e a transbordar semeou-os por toda a nossa terra.

Ele são no Minho os cruzeiros característicos, nas Beiras e na Estremadura os nichos e as ermidas com seus quadros e calxas de esmolas, nas povoações e em lugares ermos, nos cruzamentos de estradas e em sitios assinalados por algum crime ou desastre mortal.

Dantes toda a gente se descobria e rezava. Muitos paravam desviavam-se um pouco e lançavam na caixa a sua esmolinha para missas pelas almas. E todos os anos se celebravam assim muitas missas em sufrágio das Bemditas Almas do Purgatório.

Mãos piedosas e devotas calavam essas memórias, renovavam em rústicas jarras as flores dos seus canteiros e até lhe punham uma lâmpada.

Hoje... Passou pela nossa terra um furacão destruidor; depois veio o súão da indiferença e da imoralidade.

A volta de muitos cruzeiros crescem silvas. Já poucos se descobrem: ninguém dá esmola e raros são os que rezam. Estão quasi sumidas as pinturas, as flores secas e cobertas de pó nas jarras partidas e o crucifixo desfigurado com telas de aranha no ninho enegrecido pelo tempo e pelo desamor com que o abandonaram.

Não será possível voltar à fé de algum dia?

Que o Purgatório é doutrina assente e firme, não devoção passageira ou crendice de gente ignorante.

É certo que para o inferno só leva o pecado mortal. Mas não é menos certo que no céu não pode entrar nenhuma mancha ou imperfeição.

Dai a necessidade do Purgatório para purificar as manchas veniais.

Santa Catarina de Génova afirma que são as almas que espontaneamente se lançam no fogo do Purgatório a fim de se purificarem das suas manchas e poderem aparecer limpas e immaculadas diante de Deus.

Como as ajudaremos nós? Estamos no Mês de Novembro, o mês das Almas.

Procuraremos tomar parte na devoção que todos os dias se faz

na nossa igreja matriz ou na capela do nosso lugar ou pelo menos faremos oração em comum em nossa casa rezando o rosário em seu sufrágio.

A missa mandada celebrar ou ao menos ouvida com piedade é o melhor meio de as aliviarmos. Depois vêm as outras orações, as esmolas, a Via Sacra, as indulgências. Lembremo-nos dos nossos; lembremo-nos de todos os que já lá vão, nas apenas neste mês, mas nas orações de cada dia.

Mova-nos a essa caridade o zelo pela glória de Deus, pois mais depressa essas almas irão cantar no céu os seus louvores.

Mova-nos o amor de nós mesmos, pois teremos nelas indefectíveis protectores.

Mova-nos a triste situação de almas que, no meio do mais atroz sofrimento — o fogo igual ao do inferno, no dizer de Santo Agostinho — não podem em seu próprio proveito fazer outra coisa senão sofrer resignada e amorosamente até completa satisfação da Justiça Divina e em tudo estão dependentes do amor, piedade e perseverante generosidade com que as procurarmos aliviar.

Se na Paz está a única felicidade terrestre por que andam os homens tão esquecidos das palavras de Jesus?

«A Paz seja convosco...»

Por que teimam na guerra, ainda na guerra, sempre na guerra?

«A Paz seja convosco»

E era tão fácil a Paz!

As almas tranqüilas e as consciências bem formadas são como as flores que dão a sua existência breve e perfumada em renovo perene de louvores ao Criador.

De primavera em primavera...

Por que não há-de os homens querer a Paz? Se a Paz é o maior reflexo doirado do Céu que nos é dado entrever!

Meditando sobre a Paz, pensamos que, se Jesus disse «A Paz seja convosco», será também agradável a Nossa Senhora que conservemos a paz de coração que nos recomenda o Senhor.

Tudo quanto fizermos, pois, para conseguir a paz não é apenas boa vontade, nem é apenas dever, é sobretudo devoção à Virgem Santíssima. Meditemos, pois a Paz não é só o fim da guerra. Todos nós podemos contribuir para a pacificação e boa harmonia dos povos.

Basta vivermos todos vida simples de amor puro.

Amor que se baste para iluminar a vida e aureolar a morte.

Amor que reconheça no soluço da ternura feliz a dignificação da existência humana e o enobrecimento dos povos.

Basta procurarmos a harmonia e a doçura trazendo-as para o lar e para o convívio quotidiano.

Basta glorificar as palavras de Jesus:

«A Paz seja convosco» e oferecer por elas a nossa vida a Nossa Senhora da Fátima.

A Paz será então realmente connosco.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topazio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

### TOPAZIO

A venda nas ourivesarias.

### PARECE IMPOSSIVEL

que ainda haja senhoras e raparigas que não lessem um dos mais instructivos volumes das Edições Juventude

VOCACÃO E CARREIRAS FEMININAS. 1 VOL. VOCACÃO.

Peça-o já à Gráfica — Leiria. Preço pelo correio, 8\$00.

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Grande e o poder da palavra humana que mal sai dos nossos lábios se pode transformar numa arma temível. Podemos compará-la a espada, pois, como ela tem as gurguretas ofuscantes, os raios soberbos, o poder de vingar o direito e a verdade.

Mas, assim como a espada por vezes, se torna traiçoira e mata se curva em punhal ou se ailla em estilete assassino, semelhantemente a palavra se transforma por vezes também em erro, mentira e calúnia para assassinar como o punhal.

Todos os que lançam a dúvida, o odio, o desespero entre as multidões, são assassinos que matam as almas.

Todavia o número das suas vítimas, não seria muito considerável se não possuíssem o meio de multiplicar os seus discursos. A palavra articulada atinge apenas um certo número de almas que nos últimos anos aumentou consideravelmente com o aperfeiçoamento e expansão da T. S. F.

Mas para que a palavra produza efeito curador, é preciso que o homem a segure no seu voo, a lance e fixe sobre o papel, numa palavra, se transforme em livro.

O livro é, pois, o verbo do homem de efêmero e fugidio, tornado agora senhor do tempo e do espaço. Infatigável semeador vai pelo mundo fora lançando as mãos cheias, das suas páginas abertas, as sementes de vida e de morte, sobre os campos das almas; é o verbo humano elevado ao seu mais alto poder.

Por isso a Igreja considerou sempre o livro como o aliado mais fiel ou o inimigo mais temível da verdade.

Mal surgira o Cristianismo logo os seus adversários e palharam contra ele a calúnia escrita. Podemos ler nos Actos dos Apóstolos que os primeiros fiéis queimavam publicamente numerosos panfletos que atacavam a Fé.

Testemunha das ruínas que a heresia espalhava pelo mesmo meio, S. João Crisóstomo declarou guerra aberta aos maus livros. Chamava-lhes armas do demónio, flagelo da Igreja.

E todavia as obras que excitavam assim a cólera do santo, eram manuscritos em papiro ou pergaminho, por conseguinte pouco numerosas. Que teria ele dito se tivesse visto a imunda vegetação de livros deletérios que pululam hoje na nossa sociedade como cogumelos venenosos sobre um tronco de árvore apodrecida?

No século XVI, a invenção da imprensa forneceu ao erro e as paixões revoltadas um meio de propagação de que avidamente se apoderaram. Multiplicaram-se os livros corruptores, distribuíam-se a socapa.

S. Francisco de Sales, o santo da doçura e da bondade, denunciava o perigo em termos enérgicos numa carta ao Santo Padre.

No século XVIII, a imprensa forneceu ao público, Voltaire, Rousseau, Diderot e tantos outros venenos. Os defensores da Igreja lançaram o grito de alarme, escreveram refutações, e S. Afonso de Ligório, entre outros, escreveu e publicou um tratado para proteger as almas contra o perigo destas produções espantosamente impias.

Hoje o mal é maior ainda. Aos milhares e aos milhares os livros caem sobre o mundo; mais mortíferos que as bombas incendiárias, e circulam por toda a parte, passam por todas as mãos.

Precisamos de pensar a sério em empregar zelosamente os antidotos de tão pernicioso veneno: — não ler livros maus; destruí-los e espalhar as boas leituras.

(Adaptado)

### UM LIVRO ACTUAL

O Escândalo da Verdade que obteve o prémio Antero de Quental. Empolga, irrita e convence. Preço, 8\$00.

### REMEDIO D.D.D.

ECZEMA, IRRITACÃO CUTANEA, IMPINGENS, ÚLCERAS DAS PERNAS, SARNA, FURUNCULOS, CASPA, ACNE, CORTADELAS, ESFOLADELAS, QUEIMADURAS, PICADAS DE INSECTOS, PSORIASSE, DERMATITE, PÉS DORIDOS,

eis os títulos das batalhas ganhas pelo remedio D. D. D.

Este famoso Remedio é a conclusão de muitos anos de pesquisas e experiências levadas a cabo pelo corpo de especialistas da Companhia D. D. D., de Londres, que somente se ocupa do tratamento das doenças da pele.

NADA IGUAL! NADA MELHOR!

### D.D.D. O Remedio para a pele

### LEIA CONTOS

por Maria de Freitas que os leitores da «Voz da Fátima» tão bem conhecem. Nem um sequer deixará de comprar esse delicioso livro de contos para os serões de inverno. É posto à venda nas livrarias, hoje 13 de Novembro.

Preço, 8\$00. Pelo correio, 9\$00. Pedidos à GRÁFICA — LEIRIA.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União»

### AOS REV. SACERDOTES

lembramos que, se dizem missa com vinho inferior é porque querem. O melhor vinho doce, fabricado segundo todas as exigências litúrgicas e o mais barato é o da

GRÁFICA — LEIRIA. Peça já a tabela de preços.

### OS NOIVOS

e os que já casaram há muito lembrem-se que é quasi pecado não ter em sua casa uma linda imagem ou estampa de Nossa Senhora da Fátima e que os mais lindas e mais baratas foram editadas pelo Santuário.

Peça-as à GRÁFICA — LEIRIA e explique bem se as quere grandes ou médias de papel ou de cartolina.

Há quatro modelos: grandes, com ou sem pastorinhos, papel 2\$50; cartolina 5\$00. Oval meio corpo, médias e de perfil corpo inteiro, papel 1\$00; cartolina 2\$00.

Há ainda um modelo recentissimo a 1\$50 e 1\$00 em papel especial.

### FLORES

### Artificiais

Primeira fábrica no género em Portugal.

Ramos para altares. Ramos para andores.

Grande variedade de flores avulsas em todos os géneros. Laranjeira para noivos.

Descontos aos revendedores.

### AU PRINTEMPS

186, Rua de Santo António, 190 PORTO

### Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

# Graças de N.ª Senhora da Fátima PEREGRINOS

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

**D. Irene Soares Claro, de Góis,** agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura da sua mãe. Estava ela com uma pneumonia aguda e tinha mesmo entrado em agonia. Todos, inclusive o médico, só esperavam, dentro de momentos, a sua morte. Entretanto a sua filha Irene chegou de Ponte de Sotão onde estava empregada e vendo a mãe já sem dar acordo de si, deu-lhe uma colherinha de água da Fátima, prometendo ir à Fátima levar a Nossa Senhora uma peça de ouro e publicar a graça e a Santíssima Virgem lhe alcançasse. Sucedeu então que, pouco depois a doente começou a falar; veio o médico dizendo este que talvez se faça uma punção ao pulmão; voltou no dia seguinte e verificou o recuo da doença e mais ainda a convalescência franca em que a enferma entrou. Sucedeu isto em Janeiro de 1928, e ainda hoje, Julho de 1937, goza de regular saúde.

**Manuel Francisco Pereira** e sua mulher **Maria Fernandes de Oliveira, S. Mamede da Serra,** vêm publicamente agradecer a Nossa Senhora a graça que lhes alcançou da cura de sua filha **Ilda,** de 4 anos de idade.

Nos princípios de Dezembro de 1938 a pequena começou a sentir uma perna tolhida com uma grande inflamação por cima do joelho, sofrendo grandes dores e não podendo andar. Levaram-na ao médico que a tratou com todo o cuidado, mas o mal cada vez se agravava mais. Por ordem do médico, resolveram levá-la a Coimbra para ser operada. Afritos os pobres pais, pensando que iriam cortar a perna da filhinha voltaram-se com toda a confiança para Nossa Senhora da Fátima, fizeram as suas promessas e empregaram água do Santuário da Fátima em lavagens e banhos. As suas preces foram atendidas. Dentro de poucos dias já a doentinha principiou a melhorar. Obedecendo ao médico ainda a levaram a Coimbra, mas já não precisou de ser operada.

**D. Herminia Mendes Dinis, Lisboa,** diz que seu filho **Mário Alves Dinis,** de 11 anos de idade, fôra atropelado por uma camioneta, tendo de ser internado num Hospital. Ficou a pobre criança com o crânio fracturado e o olho esquerdo completamente saído da órbita. Foi observado por vários clínicos entre eles um professor, dizendo que o pequeno ficaria defeituoso da vista. Uma senhora amiga deralhe uma pouca de água da Fátima dizendo à alitta mãe para lavar com ela o olho do seu filho. Assim o fez, e com tanta fé e confiança, que, sem qualquer outro tratamento, apenas com a aplicação duas vezes por dia de água da Fátima, o filho ficou completamente curado e sem defeito. E com a maior gratidão que vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

**D. Olimpia de Melo Bargaço, Lisboa,** escreve: «Adoeci no dia 15 de Setembro passado com uma fortíssima cólica renal, generalizando-se dois dias depois numa febre paratífóide, tendo sido assistida por um médico. Após oito dias de atroz sofrimento, e com temperaturas elevadas, recebi a visita de uma senhora chegada recentemente da Fátima, a qual reparando no meu estado, voltou ao dia seguinte a visitar-me, dando-me água do Santuário da Fátima.

Depois de a beber e de ter impiorado com toda a fé e confiança de Nossa Senhora da Fátima a minha cura, a febre desapareceu-me imediatamente e as melhoras foram-se acentuando dia a dia, ficando completamente restabelecida depois de ter ido no mês seguinte à Fátima, agradecer a Nossa Senhora.

**D. Maria José Cabral Adão de Cas-**

**tro, Vila Flor,** diz que seu sobrinho **Luís Guilherme,** de dois anos e meio de idade, adoecera gravemente com uma meningite que o ia sufocando progressivamente. Esgotados os recursos de que a medicina dispõe, o pai da criança, que é médico, teve a noção certa de que o seu filho ia morrer dentro em breve. Não necessitava que os colegas, diligentes ao máximo, lho dissessem. Homem de te, lembrou-se do poder divino a quem tudo é possível; recordou-se da Fátima onde já estivera e donde trouxe um garrafãozinho de água. Pediu a sua irmã para que lhe doentinha umas colherzinhas de água da Fátima. «O que mais nos espantou», diz a referida senhora, «foi a je jume, inquebrantável que dele se apossou, de que o pequenino não morria, que Nossa Senhora da Fátima o ia salvar: Chamava a esposa, levava em lágrimas, os amigos que ali estavam a espera do acontecimento, e acariaculhes com uma certeza absoluta de que o pequenino estava salvo por Nossa Senhora!... Havia quem o julgasse transfigurado!...» Efectivamente o pequenino dali a duas horas abriu os olhos, já respirava ligeiramente melhor, olhava para os presentes que entravam no quarto para verificar a cura maravilhosa de que não duvidaram, chamando-lhes até pelo nome. Mais um dia de doença e ainda mal, e a criança entrou em franca convalescência. Como prometeu voltar pública esta graça para maior glória de Nossa Senhora.

**Manuel da Cunha, Lamego,** esteve para ser operado no Hospital de Lamego donde fugiu temendo morrer da operação. Quando no dia 13 de Maio seguia pela rádio os actos religiosos que se realizavam na Fátima, pediu a Nossa Senhora que o curasse. Sem mais medicamentos, encontrou-se curado e que atestam o seu médico assistente e o rev. P.º João Maria Baptista de Lima Pároco da sua freguesia de Cepões.

## NOS AÇORES

**D. Rosa do Carmo Nunes, Graciosa,** diz: «Tendo minha filha **Graciosa** sofrido de ataques epiléticos que assinaladas vezes a perseguitam, consultei vários médicos, mas de nada serviram os medicamentos. Pessoas amigas aconselharam-me a ir ter com um novo médico; eu, porém, recordando antes a Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe que fosse vantajosa a consulta do novo médico e que a minha filha se curasse. Efectivamente continuei a recorrer a Nossa Senhora da Fátima durante o novo tratamento e a minha filha curou-se. Já passou um ano e ela não voltou a sofrer daquele mal. Chela de reconhecimento, venho tornar pública a graça para maior glória da Mãe de Deus.

**D. Rita Machado Soares, Angra do Heroísmo,** diz que tendo sua irmã perdido instantaneamente a vista do olho direito, e tendo ficado com o esquerdo gravemente lesado recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que sua irmã ficasse ao menos com a vista bastante para andar em casa e se alimentar. Sucedeu que o mal não aumentou, antes pelo contrário apareceu-lhe muitas melhoras que são confirmadas pelo atestado médico e pelo testemunho do rev. Pároco, P.º Manuel Joaquim Máximo.

## Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

- D. Maria Augusta Alves Saraiva, Paranhos.**
- Jose Joaquim Ferreira, Valongo, Valpassos.**
- Antonio Pereira, Carregueiro.**
- D. Monica de Jesus Anastacio, Abrantes.**
- D. Purificação Pereira da Cruz, Cativeiros.**
- Estevão Belo, América.**
- D. Maria Teixeira, Ferreira do Zêzere.**
- D. Gracinda do Rosário, Oliveira.**
- D. Ana Miquelina Gonçalves, Frelxanda.**
- D. Aurora Leopoldina Avila, Pico, Açores.**
- D. Ana Paula M. Pereira Guerreiro Moura,**

- D. Margarida Maria C. Fernandes, Portalegre.**
- D. Maria Jose de Matos Carvalho, Lisboa.**
- D. Maria dos Santos Lamas Neves, Vila Nova de Milfontes.**
- Mario Ferreira, S. Clemente.**
- D. Maria Duarte Correia Silva, Castro Daire.**
- D. Maria A. Garcia, Falal.**
- João Marques, Coimbra.**
- D. Lucina Silva e Irer Simões Pereira, Semide.**
- D. Julia Afonso, Arcosa.**
- Manuel Joaquim Ribeiro, Vila Nova de Cerveira.**
- D. Ernestina Azevedo, Urzelina (Açores).**
- D. Maria Amélia Vieira Serra Falal, Angra.**
- D. Maria D. de Castro Parreira Angra.**
- D. Alexandrina Louza de Sousa, Açores.**
- D. Etisa Fonseca Veice, Gaia.**
- D. Teresa Cabral Daniel, Aldeia-Viçosa.**
- D. Noemia de Menção Almeida, Maciô, Brasil.**
- D. Alzira Cândida Vilela, Cernache do Bonjardim.**
- D. Josefa Maria de Jesus Menaes Costa, Mertola.**
- João Domingos Garção, Portalegre.**
- D. Ana Mendes da Silva Nobre, Vila Verde.**
- D. Aurora Augusta Caldas Guerra, Porto de Mos.**
- D. Laura Amélia, Lousada.**
- D. Ester Raquel Nunes, Leiria.**
- D. Maria da Graça Correia de Freitas, Sa da Bandeira (Angola).**
- D. Margarida Carlota B. de Sousa, Lisboa.**
- D. Maria Isaura, Ribeira Sêca — S. Jorge.**
- D. Maria de Nazare Vieira, Porto.**
- D. Maria de Lourdes Nunes, Terceira, (Açores).**
- D. Aurora Maria Teixeira Lopes, Porto.**
- D. Isida de Jesus Ferreira, Lisboa.**
- D. Maria da Conceição Borges, Vinhais.**
- D. Virginia da Assunção Costa, Sintra.**
- D. Ludovina Maria da Costa, Barca, Mala.**
- Antonio Jose Fernandes Meira, Barcelos.**

## O Calendário de Nossa Senhora da Fátima

(1945)

que entrou no sexto ano da sua publicação, já está à venda e constitui um elegante e delicado brinde. É ilustrado a offset e reproduz interessantíssimas cenas da vida dos três pasorinhos — **Luís, Francisco e Jacinta.**

Preço de cada exemplar, 1\$00. Pelo correio, 1\$30.

Pedidos à Administração da revista «STELLA»

COVA DA IRIA (FATIMA)

## Almanaque de Nossa Senhora da Fátima

(1945)

«É o Almanaque popular mais completo», dizia-se o ano passado quando da publicação do seu primeiro número. Ele aparece novamente e as suas 164 páginas estão cheias de utilidades, de mistura com contos, anedotas, charadas, adivinhas, etc.

Indispensável aos camponeses!

Útil para todos!

Pedidos à Administração da revista «STELLA»

COVA DA IRIA (FATIMA)

## PORQUE APARECEU NOSSA SENHORA NA FATIMA

História, Lendas, Tradições, 16 formosas gravuras fora de texto; um livro que deve entrar em todos os lares...» **Dr. Afonso Zuquete.**

Preço, 10\$00. Pedidos à GRAFICA — LEIRIA.

**Levanta-te daí, mulher, que tenho ali fora quem me acalmenta escuaos pela cama...**

A sr.ª **Maria do Rosário,** que se deitara vestida sobre o leito porque, apesar da casa lhes ficar um pouco distante da Cova da Iria, rara era a noite dentre as das grandes peregrinações em que o marido não conseguia arranjar algum hóspede, levantou-se docilmente e pôs-se a tirar da arca de pinho os lençóis perfumados de uma mistura acre de eucalipto e rosmaninho.

No entanto ia monologando. Cinquenta escudos... por uma cama e metade de uma noite, porque já passava das duas horas, fazia arranjo, fazia, mas esses negócios, que tanto regozijo davam ao marido, seriam do agrado de Nossa Senhora? Teria Ela baixado ali, na singeleza da serra, a falar a humildes pastoreiros, para que se chegasse a isto de não se dar dormida a peregrinos senão por preços daqueles? Que se tirasse lucro, vá, era um negócio como outro qualquer, mas exigir vinte, trinta, quarenta, cinquenta escudos por uma cama, parecia-lhe, em consciência, que seria praticar uma acção que outro nome merecia...

— **Façam favor de entrar...**

Era o marido que lhe cortava as cogitações, introduzindo no quarto um casal de meia idade, muito bem pôsto, se pudermos classificar assim o luxo intempestivo em que se apresentava a dama que, nem para a velada de piedade que é, que deve ser exclusivamente, a noite de 12 para 13 na Fátima, tinha dispensado as pinturas do rosto...

Um pouco agastada, porque não podia levar a paciência certas coisas, a boa mulher saiu do quarto o mais depressa possível e ia a refugiar-se no quartinho da filha, quando lhe pareceu que batiam à porta. Seria o marido que voltasse atrás, pois que logo se retirara para tornar ao botequim ambulante que para esses dias, e essas noites, armava quasi em frente ao Santuário. Abriu sem mesmo perguntar quem batia, mas recuou assustada à vista de um desconhecido, modestamente trajado, com uma saqueta na mão e um cajado no qual se firmava visivelmente fatigado.

— **Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo! Podia fazer-me a grande caridade de me deixar descansar umas horas no seu palheiro?**

— **Como Nossa Senhora é boa**

— disse para consigo já serena. a sr.ª **Maria do Rosário** — em me mandar agora este para me regalar de fazer uma obra de misericórdia...

E para o peregrino:

— **No palheiro, não; fica por lá a criação à solta, não está em termos. Vai ficar na casa do forno, que está fechadinho e limpa e tem lá uma esteira...**

— **Espera um bocadinho que vou buscar a candela...**

E toda satisfeita por pensar que compensaria assim Nossa Senhora do desgosto que lhe daria com os outros hóspedes e que — quem sabe — eles próprios lhe dariam, foi buscar também uma velha manta e entregou-a ao homem, levando-lhe ainda metade de um pão com umas frituras de bacalhau.

— **Que interessante rapariga! Que olhos...**

Júlia, a filha da sr.ª **Maria do Rosário,** que andava a servir o almôço aos hóspedes, ouviu a observação que a senhora fazia ao marido e corou, mas não de modéstia, antes de orgulho e de satisfação, por ver apreciados os seus dotes físicos.

Já não era a primeira vez que lhos gabavam e por tal for-

Conto por M. de F.

ma a pobre rapariga se enchera da sua pessoa, que chegava a sentir-se mal empregada na obscuridade e na rudeza de seu viver. Tudo lhe parecia pouco e mau, só sonhava com luxos, e com essas vilas e cidades do que lhe contavam maravilhas.

Acabado o almôço, a dama desconhecida chamou Júlia de parte e perguntou-lhe:

— **Não gostaria de ir servir para Lisboa?**

Atrapalhada, a rapariga fez-lhe sinal que baixasse a voz e segredou-lhe em seguida:

— **Eu gostava bem, mas os meus pais nem querem ouvir falar nisso e, então...**

— **Mas não há o direito! protestou com veemência a senhora embora a meia voz. E que idade tem a menina?**

— **Vou em 23 anos...**

— **E nunca saiu daqui?**

— **Nunca!**

— **Pois se quiser, levamo-la conosco. Vai ver como se há-de dar bem por lá.**

E as vozes de ambas eram agora só um murmúrio.

Do lado de fora, porém, junto da janella do quarto onde elas se encontravam, o peregrino humilde ouvira a primeira parte do diálogo e adivinhava o resto. Ah! com que inconsciência se perturbava o calmo viver de uma familia honrada, com que indignidade se correspondia a confiança com a qual por ali se abriam as portas a estranhos. E que havia ele de fazer? Ficar calado? Deixar que as coisas se que só por acaso tivera conhecimento, seguissem o seu curso?... Mas nem a rapariga lhe daria ouvidos, nem ele tinha ânimo de ir acusá-la aos pais e denunciar os hóspedes.

Levantou-se. Se mais não podia fazer, rezaria por todos. Deu uns passos para regressar ao Santuário, mas a dor que se lhe manifestara na véspera e que ele julgara devida ao cansaço impedia-o por completo de andar e, então, resignado, de novo se deixou cair no banco junto da janella, puxou do terço e pôs-se a rezar.

Decorreu uma hora, talvez mais; na casa cessou todo o movimento e o homem ficou-se a dormir. Quando acordou, a dor tinha abrandado e pôs-se de pé, todo satisfeito. Pareceu-lhe então ouvir passos precipitados dentro de casa, espreitou pela janella e viu a rapariga, numa perturbação que o impressionou, a meter roupa numa saca, como quem estava deabalada. Deu a volta à casa no propósito de lhe falar a tentar detê-la, mas, dando com a porta cerrada e a chave por fora, teve uma inspiração: desandou a chave, de mansinho, e vendo que a casa não tinha outra saída, porque a cozinha e a casa do forno eram separadas e as janelas eram tão pequeninas, pôs-se a descer tranquilamente a encosta.

Terminadas as cerimónias na Cova da Iria, a sr.ª **Maria do Rosário** voltou a casa muito consolada e descansada da vida. Não a surpreendeu ver a chave na porta, mas, ao entrar, deu com a filha debulhada em lágrimas. Júlia lançou-se nos braços da mãe e, arrependida, contou-lhe da influência que aqueles hóspedes tinham tido no seu espirito, a ponto de a resolverem a ir com eles, deixando apenas uma carta aos pais, e como a Providência a tinha salvo de remorsos — e Deus sabe de quantos perigos — permitindo que alguém lhe fechasse a porta.

Do que nem uma nem outra tiveram conhecimento foi do instrumento de que a Providência se servira: o pobre peregrino que a sr.ª **Maria do Rosário** tão generosamente agasalhara.

PALAVRAS MANSAS

A Maria Antónia

Fina e levemente trigueira, cabelos escuros, nos olhos uma ternura dormente, a boca hesitante entre a seriedade e a graça...

Tal é a Maria Antónia, secretária do sr. Presidente do Conselho nas suas melhores horas de despreocupação e de paz.

A Maria Antónia, que mal se vê e ouve em casa, nas horas de recreio, é a alegria do parque acolhedor e discreto, que, para o lado de São Bento, defronta já oratória política uma massa austera de arvoredos e de silêncios.

Numa das áreas do parque há para a Maria Antónia um balço cujo impulso inicial é dado muita vez por aquela mão inspirada — firme e humana, que, em plena guerra, nos guia e conduz nobremente pelos caminhos da paz.

Deixado o balço, como se desfaz um brinquedo, a pequena corre, salta, sobe aos bancos rústicos com uma agilidade ridente, vigia os ninhos, fala com as flores e passo por entre as rosas e os mármorez da pérgula, pondo diante de quem a vê um aspecto daquela beleza grega, que inspirou, na Acrópole, a oração de Renan...

Animada e curiosa, a Maria Antónia faz ao Doutor Salazar as mais variadas perguntas, muito certa de que nenhuma delas há-de ficar sem resposta. Como é que as avesitas alimentam os filhinhos? Com uma folhita de arbusto entre os lábios, Salazar procura imitá-las, dizer como isso se passa. — É assim. — Por que é que os passaritos me fogem sempre dos ninhos? — Porque as mães os chamam, quando eles podem voar.

E aqui está como a Providência, que veste as aves do céu, se compraz em dar a um homem público, a braços com tantas crises, na curiosidade e na graça de uma criança, as mais gratas e doces compensações.

Como o Doutor Salazar foi quem a ensinou a ler com solicitude e meiguice, de quando em quando a Maria Antónia, quasi sempre à hora de jantar, vem dar-lhe conta, do seu aproveitamento lendo as cartas que escreve às suas amigas do Vinhal, na Beira, onde passou dias de férias.

Notícias breves e simples, mas já com uma pontinha de emoção. «Cheguei bem. Fiz bem a minha viagem. Trouxe muitas saudades». Fim da música da leitura, tão suave e embelezadora, Salazar manifesta mais uma vez o seu agrado, dizendo-lhe que

fica à sua conta e importe das estampilhas.

A última recomposição ministerial surpreendeu e confundiu o espírito da Maria Antónia, que apenas sabe fazer a política dos seus brinquedos e dos seus exercícios escolares. Conhecia todos os ministros e todos os sub-secretários, distinguia-os até pelos seus nomes, e de um momento para o outro, inesperadamente, vê-se obrigada a fazer novos conhecimentos e a fixar novos nomes! Se fosse maior, diria talvez com alguém, de quem vive muito perto, numa síntese feliz: — tudo crises.

Diga-se de passagem que a promoção a ministro de um ilustre sub-secretário, apesar de merecidíssima, produziu no espírito deste uma confusão semelhante... Por onde se vê que é humilde, profundamente cristã a devoção de servir.

A Maria Antónia também reza, e estou certo de que já deram por isso. Rodin, que se comprazia em ver, com intenções de artista, as mulheres, de joelhos e mãos postas, gostaria também imenso de a ver de montilha, muito séria, a ler no seu livro de missas, orações, que para ela devem ser como cartas escritas não para o Vinhal, mas lá para cima, para Deus Nosso Senhor. A pedir por quem? Nem é preciso dizê-lo...

A Maria Antónia, que olha sempre para o Doutor Salazar com agraçada e cândida ternura, nunca se vai deitar sem lhe ir fazer a sua despedida.

Mal a vê aproximar-se, o sr. Presidente do Conselho, esteja com quem estiver, levanta-se, curva-se para ela, beija-a e acaricia-a com o olhar, a voz e o gesto embalador. Põe todo o seu coração à altura do coração dela. Procura até falar-lhe com uma voz de criança.

Depois fica-se a vê-la já no caminho de casa e sente-se que tem pena de a não levar nos braços até ao pequeno leito em que o sono espera por ela, para lhe falar de parques maravilhosos...

Nomeado preceptor do Delfim, Bossuet ia todas as noites ao quarto deste príncipe, herdeiro da coroa de França, contar-lhe histórias para ele adormecer. Que ventura e que destino! Adormecer embalado pela palavra do maior orador da França.

O génio de Bossuet sentia-se bem aí, e, longe de descer, pairava sempre mais alto...

Projectos de lei, orçamentos, reformas, tratados, notas diplomáticas, conferências, discursos, que sei eu! Para tornar mais leve o peso da nossa cruz, vale às vezes mais a mão de uma criança do que os ombros de um Cireneu. Mão e asa... Sursum corda!

Que orgulho há-de ter um dia a Maria Antónia quando souber que, em horas de tremenda crise, foi uma colaboradora graciosa e gentil de Salazar!

Correia Pinto

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

Table with columns for city names and their respective tiragem values for the month of October.

Estrangeiros 3.922, Divórcios 12.619, Total 362.200

SÉDE SANTOS

Fermosíssimo livro de meditações para toda a classe de pessoas. Traduzido do italiano pelo Rev. Dr. Joaquim Carneira Vice-Reitor do Colégio Português em Roma.

Preço 7\$50; Pelo correio 8\$00

GRÁFICA LEIRIA

PALAVRAS DE UM MÉDICO

É um livro em que num estilo corrente e em castiça prosa portuguesa um Mestre da Universidade — o Doutor Pires de Lima — nos dá umas pitulezinhas de conhecimentos para evitar ou combater as doenças mais frequentes.

Por que e não lá? Custa apenas pelo correio 6\$00. Pedidos à GRÁFICA — LEIRIA

Movimento no Santuário

Setembro 17 — Dois seminaristas da Universidade Pontifícia de Comilhas (Santander) vieram de motocicleta ao Santuário, visitar o lugar das aparições e consagraram-se a Nossa Senhora.

Setembro 20 — Cerca de 120 propagandistas missionários entraram em retiro espiritual sendo conferentes os revs. P.º Agostinho de Moura e P.º José Felício, da Congregação do Espírito Santo. O Senhor Bispo de Leiria veio encerrar o retiro que terminou com uma sessão recreativa de propaganda missionária.

Setembro 26 — Principiaram os Cursos Gerais das dirigidas da J. O. F. a XII Reunião Penária do Conselho Nacional e os Cursos de formação de militantes da J. C. F. Vários assistentes fizeram as conferências entre eles o rev. Assistente Nacional, P.º Domingos da Apresentação Fernandes, rev. P.º Freitas Leite, assistente de Guimarães e rev. P.º Manuel Rocha de Coimbra. Algumas dirigidas fizeram também algumas conferências. No fim dos Cursos houve uma sessão recreativa, procissão das velas, procissão com a imagem de Nossa Senhora e missa solene.

Outubro 17 — O rev. P.º António Martinho com mais dois sacerdotes e dois irmãos leigos da Congregação do Espírito Santo, antes de embarcarem para as missões de África, vieram despedir-se de Nossa Senhora e consagraram-lhe os trabalhos do seu apostolado missionário.

VOZ DA FATIMA

Table titled DESPESAS showing expenses for transport, paper, printing, and administration.

Esmolas desde 15\$00

D. Carmelina Fernaneas, Lourenço Marques, 20\$00; sr. Roque Fernandes, 15\$00; Santana Almeida, 20\$00; D. Isabel Nazaré e Sousa, 25\$00; D. Brigida de Sousa Monteiro, 20\$00; D. Inês Alvares e Pinto, 20\$00; Salvador Noronha, 20\$00; D. Maria Santana Lobo e Sousa, 20\$00; D. Sancha da C. Monteiro e Sousa, 20\$00; Tomás Aquino Fernaneas, 20\$00; Luis Justiniano de Sousa, 15\$00; Antonio Fernandes, 20\$00; Lourenço Fernandes, 20\$00; D. Aurora Rebelo, 20\$00; D. Brigida de Sousa Pinto, 20\$00; Vitor da Silva, 20\$00; D. Cristina Monteiro e Fernandes, 20\$00; Vitor Ribeiro, 20\$00; Joaquim Domingos Fernandes, 15\$00; Lourenço Paulo Pinto, 30\$00; Dr. Agostinho Coutinho, Viseu, 20\$00; D. Lucinda Cunha Monteiro, Moura, 120\$00; António José Q. Junior, Viana do Castelo, 15\$00; Inacio Mendes da Cunha, Felgueiras, 100\$00; D. Aurora Leopoldina Avila, Pico, 20\$00; D. Ana Miquelma Gonçalves, Freixianda, 50\$00; Domingos Gonçalves Barbosa, Póvoa de Varzim, 40\$00; Manuel de Carvalho, Beira, 40\$00; Joao G. Lopes Junior, Lisboa, 20\$00; D. Aariana Rebelo Vaz Pinto, Lisboa, 50\$00; D. Ana J. da Silva Carvalho, Alandroal, 60\$00; D. Maria Augusta Alves Saraiva, Seia, 20\$00; D. Alice Correia de Sousa Gomes e Costa, Lisboa, 20\$00.

Este número foi visado pela Censura

Crónica financeira

Segundo notícias que nos têmA chegada de várias partes, sobretudo do Norte, a colheita de vinho deste ano é excelente e muito abundante a ponto de faltarem vasilhas para recolher o produto. A notícia, a confirmar-se, será caso para dar os parabéns à lavoura, quer a guerra acabe já, quer não, porque em qualquer dos casos, a exportação há-de reanimar-se dentro de poucos meses.

Se a guerra durar (e parece que já esteve mais próxima do fim do que está agora) o consumo de vinho na frente ocidental bastará para fazer afluir a França, através da Espanha, grande parte da nossa colheita, como sucedeu na outra guerra. Para tanto bastará que em França se regularizem os transportes, o que não levará muitos meses, porque assim o exigem as próprias operações militares.

Se a guerra acabar ainda este ano (o que também pode suceder) a exportação para França dar-se-á na mesma, tal qual como sucedeu no fim da outra guerra e pelas mesmas razões. As existências francesas, não só de vinhos, mas de todas as matérias primas, tanto industriais como agrícolas, devem estar, ou exaustas, ou muito reduzidas. Consequentemente, a França, ainda que não precise de vinhos para seu próprio abastecimento, há-de precisar para renovar a sua exportação e para isso terá de recorrer aos mercados portugueses e espanhóis, únicos que actualmente a podem abastecer, visto que a Itália foi assolada pela guerra e pouco poderá exportar neste ano e no que vem.

A nossa situação económica deve melhorar bastante com a libertação da França pelo menos no que respeita ao mercado dos vinhos. O alemão não é, no geral, bebedor de vinhos, ao passo que o inglês é. O consumo de vinho e de bebidas alcoólicas em França deve, portanto, aumentar logo que o mercado possa ser convenientemente abastecido, isto é, logo que os transportes se estabeleçam por terra e se tornem mais seguros por mar.

A abundância excessiva da actual colheita não deve ser motivo de desânimo para o lavrador, visto que tem em perspectiva uma boa saída para ela e por isso mesmo a esperança de preços compensadores. E uma boa colheita com preços compensadores é um maná! Mas é preciso não esquecer que esta saída de vinhos para França será sol de pouca duração, como na outra guerra. Quando muito durará até um ano ou dois depois da guerra, porque, na produção agrícola em geral, bastará isso para que a normalidade se restabeleça. E restabelecida, a França passará a remediar-se com os vinhos da sua lavoura, e o soldado inglês e norte-americano, regressado à vida civil, há-de beber menos, porque disporá de menos dinheiro.

Em todo o caso, alguma coisa ficará de permanente em favor dos nossos vinhos, porque muitos que nunca tinham bebido, nem talvez visto, ficarão com o gosto de o beber. Já a outra guerra foi grande reclamação do consumo do vinho.

Pacheco de Amorim

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

O contágio

Já não é a primeira vez que me ocupo deste assunto nestas «Palavras». Mas devo voltar a ele, para tentar esclarecer as razões por que certas doenças se pegam.

Nas férias do verão de 1944 alastrou uma epidemia de febre tifóide na aldeia em que as passo. O povo dessa aldeia não acredita no contágio. «A doença dá em quem tem de dar. Pega-se a quem Deus quere...»

Não contesto esta última afirmação; mas temos de saber que Deus, ao criar o mundo, lhe fixou leis naturais, que sempre se cumprem, a não ser em casos raros em que tais regras se suspendem por milagre.

Pergunta o povo: «Se as doenças se propagam de pessoa a pessoa, como é que apareceu o primeiro doente?»

Isto é como quem pergunta: «Que é que apareceu primeiro: o ovo ou a galinha?»

Descansem, que a ciência médica explica perfeitamente o mecanismo do aparecimento e da difusão da febre tifóide.

Conta-se que, um dia, certo catequista assim classificou um rapaz a quem ensinava a doutrina: «F. é tão burro, que nem sequer entende o Mistério da Santíssima Trindade!»

Infeliz foi o catequista no seu juízo, pois que não há ninguém, por mais inteligente que seja, que o possa entender.

Os mistérios são impostos pela Fé, que não pela razão.

Mas o contágio das moléstias não é mistério nenhum.

Suponham que há um poço muito profundo cheio de água, na qual

madam alguns raros micróbios da febre tifóide.

Durante o inverno, o povo abastece-se dessa água sem perigo, pois a água é muita e os micróbios raros.

Mas imaginem que chega o verão, de calor tão intenso como o deste ano, e que provoca a estiagem. O poço fica quasi seco e os micróbios reproduzem-se aos milhões de milhões.

Fica assim a flora microbiana extraordinariamente concentrada e, quem beber umas gotas daquela água, necessariamente se contagia.

Depois de aparecer o primeiro caso de febre tifóide, facilmente alastra a moléstia, passando das pessoas doentes e das convalescentes para as pessoas sãs.

No caso da febre tifóide, pode dar-se outra circunstância.

Vive no intestino das pessoas sãs um micróbio chamado colibacilo. Essa bactéria é, habitualmente, inofensiva e todos vivemos com ela dentro de nós, sem que nada sofram. Mas, em determinadas circunstâncias, o colibacilo assanha-se, causando febre violenta e provocando uma doença chamada colibacilose, que tem grandes parecências com a febre tifóide.

Só em laboratórios muito bem providos se pode distinguir uma colibacilose da verdadeira febre tifóide.

Eis como a ciência médica explica o aparecimento e a difusão das febres intestinais. Não se trata, pois, de mistério nenhum. O que eu queria era ter mais sorte que o catequista de que falei.

Oxalá que tenha podido fazer entender esta doutrina a todos os meus leitores.

J. A. Pires de Lima

A JACINTA

continua a ser o livro mais lido e mais querido dentre todos os que se escreveram sobre a Fátima.

Estão vendidos 29.000 exemplares. Preço pelo correio, 11\$00.

Pedidos à GRÁFICA — LEIRIA.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.